
Entre imagens e imaginários: uma análise das estratégias discursivas mobilizadas no e pelo pronunciamento de posse de Jair Bolsonaro¹

Jéssica Gomes de OLIVEIRA²

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

RESUMO

O estudo apresenta uma análise do primeiro pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro como Presidente da República, realizado durante cerimônia de posse em Brasília, no dia 1º de janeiro de 2019. Para tal, serão observados os diferentes *ethé* e imaginários sociodiscursivos mobilizadas no e pelo pronunciamento, com o objetivo de identificar quais estratégias retóricas foram mobilizadas. Será analisada, ainda, a presença da polêmica e de traços patêmicos no *corpus*. Como aporte teórico-metodológico da pesquisa será a utilizada a Análise do Discurso (AD) de linha francesa, em especial, a Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginários; *ethos*; polêmica; Análise do Discurso; discurso político.

Introdução

O estudo tem como objetivo realizar uma análise discursiva do pronunciamento de posse de Jair Bolsonaro³, realizado no dia 1º de janeiro de 2019, em cerimônia oficial no *parlatório* do Palácio do Planalto em Brasília. Por meio da investigação, o trabalho tem como proposta o estudo dos diferentes *ethé*, imaginários e estratégias discursivas evocadas pelo ator político por meio do pronunciamento, assim como uma análise da dimensão polêmica e patêmica presente no que é considerado seu primeiro discurso como Presidente da República.

A estrutura teórico-metodológica da pesquisa se constitui com base na Análise do Discurso (AD) de linha francesa, em especial, na Teoria Semiolinguística desenvolvida por Patrick Charaudeau (2006). Serão adotados, especialmente, os estudos e conceitos apresentados pelo linguista sobre a constituição do *ethos* e os processos de persuasão do discurso político, assim como suas considerações sobre a polêmica presente no discurso e os imaginários sociodiscursivos. O objetivo é identificar, por meio da análise do *corpus*,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginário, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, e-mail: jessicagomes.mtz@gmail.com.

³ O pronunciamento analisado foi direcionado ao povo brasileiro, diferentemente do pronunciamento feito no Congresso Nacional e direcionado aos parlamentares, na mesma data, que não será objeto da análise proposta.

qual ou quais são as imagens, *ethé* e imaginários projetados por Jair Bolsonaro, verificando como se dá a presença da polêmica e de certa dimensão patêmica em seu pronunciamento.

Ainda que diferentes estudos sobre o discurso político tenham sido realizados ao longo do tempo, é necessário que sejam considerados recentes fenômenos incorporados ao campo, incluindo a chamada “espetacularização da política”⁴. Outros fatores devem ser observados, entre eles recente e intensa polarização notada no cenário político brasileiro⁵ que também impacta a produção da palavra política. Considera-se, assim, que com a análise proposta será possível avançar na compreensão das estratégias retóricas utilizadas por discursos veiculados no atual cenário político brasileiro.

Algumas considerações sobre a presença da polêmica no discurso político

Uma das questões que se mostra fundamental à proposta é o estudo da polêmica. Sobre a polêmica que constitui o discurso político, Amossy (2011, 2014) nos lembra que os conflitos de opinião ocupam lugar de destaque na cena política, já que parte das trocas polêmicas se baseia na crítica aos argumentos do opositor. Já a violência verbal é um atributo frequente, mas não obrigatório da troca polêmica.

A presença da polêmica na fala pública pode ser explicada tanto pela dificuldade dos atores políticos e dos cidadãos em obedecer às regras de um debate minimamente racional, quanto pela curiosidade do público em visualizar o espetáculo da violência. Há, portanto, certa curiosidade do público em acompanhar a violência verbal por meio do embate de opiniões contrárias, não permitindo que se chegue a um consenso.

Sobre a relação da polêmica com a violência, a autora esclarece que não podemos considerar a polêmica como um simples discurso agressivo. A polêmica é uma espécie de enfrentamento, uma forte oposição de discursos. O que a fundamenta, portanto, não é a violência e sim o conflitual. Nesse sentido, uma troca agressiva de insultos não constitui, necessariamente, a polêmica. Mas se a violência não se faz presente como um traço definitivo da polêmica, podemos afirmar que dá mais força a ela, intensificando a oposição de ideias e a polarização.

⁴ Já mencionado por Piovezani Filho em 2009, o fenômeno envolve fatores como a dissolução e despolitização das massas, intensificação do individualismo, predomínio do âmbito privado sobre a esfera pública e o advento de novas tecnologias.

⁵ Em especial, a partir das eleições presidenciais de 2014 e do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, iniciado oficialmente em dezembro de 2015.

Seguindo linha de raciocínio semelhante, Brandão (1994) nos lembra que o termo “polêmica” vem de *polemos*, palavra grega que significa guerra, combate, batalha. Nesse sentido, polemizar significa desqualificar o discurso do adversário num contexto em que duas posições antagônicas estão em confronto. Nesse cenário, a fala do oponente é recusada numa tentativa de apaga-la da cena enunciativa. Sua natureza polêmica se manifesta através de marcas específicas, características da refutação, da agressão e da ironia.

Para a autora, a polêmica é, por sua própria natureza, algo que se oferece como espetáculo numa batalha em que a arma decisiva é a palavra. O discurso refutado aparece para ser negado, desqualificado, nadificado. A polêmica, empregada num discurso de paixão e de violência, implica em afrontamentos pessoais em que se coloca em jogo a própria figura do adversário por meio do emprego de qualificações axiológicas injuriosas e vituperantes.

Charaudeau (2006) destaca a desqualificação do adversário como parte integrante do processo de sedução do público, já que para vencer o inimigo é preciso revelar suas contradições, rejeitar suas ideias e apontar as consequências negativas de suas ações. Também é preciso rejeitar os valores opostos, mostrando o perigo representado pelo oponente. O linguista nos lembra, ainda, que situações de conflito são passíveis de receberem a presença da polêmica. Em situações de debates entre atores políticos, por exemplo, há uma clara situação de conflito em que participantes tendem a negar os discursos uns dos outros. E, nesse processo, é comum o uso de argumentos que tentem atingir a moralidade, caráter e comportamento do adversário. Tal estratégia, entretanto, deve ser cautelosa, já que pode se voltar contra o autor do discurso.

A polêmica também pode ser utilizada para relacionar o adversário e suas concepções a uma espécie de “mal absoluto”, levando a uma espécie de “demonização” do outro, processo semelhante ao que se observa no chamado *triângulo da dramaturgia política* proposto por Charaudeau (2006). Nesse tipo de estrutura discursiva é apresentada a *desordem social* da qual o cidadão é vítima ou existência de um problema a ser combatido, a *fonte do mal* encarnada pelo adversário político e a *solução salvadora* desempenhada pelo próprio ator que engendra o discurso. Os discursos que carregam esse tipo de estrutura possuem certo grau de encenação dramatizante, seguindo um cenário clássico das narrativas de aventura ou dos contos populares. Adversários políticos são

relacionados à *fonte do mal* que precisa ser combatida e vencida, sendo comum o uso da polêmica e de traços patêmicos nos discursos estruturados a partir de tal tipo de narrativa.

Numa análise preliminar do *corpus* apresentado pela pesquisa é possível observar uma intensa refutação de discursos e posicionamentos ideológicos contrários ao que vinha sendo pregado por Jair Bolsonaro durante o período eleitoral. Há um distanciamento e dissensão do que comumente se relaciona à esquerda brasileira, observando-se uma polaridade entre sua figura e a de seus opositores, o que também confere ao discurso certo viés patêmico. Como apontado por Amossy (2014), o discurso polêmico comumente suscita os sentimentos e emoções do público e, justamente por isso, costuma ser acusado de apelar mais para uma identificação espontânea do que para uma reflexão madura com base em argumentos.

A formação do *ethos* no discurso político e os processos de persuasão envolvendo razão e emoção

Conforme aponta Charaudeau (2006) a gestão das paixões é a arte da boa política. Nesse sentido, atores políticos devem se atentar para estratégias discursivas que despertem confiança e admiração, projetando para si imagens positivas como a de “chefe ideal”. Afinal, é à medida que emoções correspondem a representações sociais que elas acabam por desencadear comportamentos ou sensações, podendo ser utilizadas para persuadir, seduzir, atrair ou até aterrorizar o público.

É preciso considerar, entretanto, que nem sempre um discurso irá produzir efeito emocional no público. Para que isso aconteça, é necessário que certas condições comunicacionais existam ou que alguns fatores sejam combinados, entre eles a natureza do universo de crenças ao qual o discurso remete (paixão, amor, vida/morte, catástrofe etc.). O posicionamento do interlocutor em relação ao universo de crenças convocado e o estado de espírito no qual ele se encontra também poderá influenciar na intensidade de efeitos provocados no público (CHARAUDEAU, 2006).

Para atingir o cidadão da forma desejada e promover adesão às suas ideias e argumentos, o sujeito político deve combinar diferentes fatores e estratégias discursivas. E, para isso, é necessário levar em consideração aspectos relacionados tanto ao campo da emoção quanto da lógica argumentativa, emergindo, nesse contexto, as chamadas *três provas retóricas* propostas por Aristóteles. O *ethos*, relacionado à construção de imagens

de si, o *logos*, relacionado à esfera da razão e o *pathos*, relacionado ao domínio das paixões.

Seguindo linha de raciocínio semelhante, Amossy (2014) retoma o fato de os antigos designarem o termo *ethos* como a construção de imagens de si com o intuito de garantir o sucesso da oratória. Entretanto, não é necessário que o locutor faça um autorretrato falando explicitamente de si mesmo ou detalhando suas qualidades. Uma representação dele poderá ser construída a partir de fatores como seu estilo, crenças implícitas ou competências linguísticas e enciclopédicas. Dessa forma, propositalmente ou não, o locutor fará uma espécie de apresentação de si mesmo por meio de seu discurso.

Retomando Charaudeau (2006), é preciso considerar que o *ethos* pode se apresentar como uma espécie de faca de dois gumes. De um lado, para o político, que pode perder devido a seu próprio *ethos* e, de outro, para o debate democrático atingido pela força de imagens que provocam no público a adesão a pessoas por uma espécie de fascinação cega. Tentar atingir o afeto do cidadão por meio de imagens que provoquem a dramatização do discurso pode, nesse sentido, gerar consequências negativas ao processo democrático.

Na contemporaneidade estaríamos, assim, construindo discursos mais ligados ao afeto do que à razão, mais aos sentimentos provocados no público do que à reflexão, mais pelas diferentes imagens pessoais que circulam no meio político do que pelas ideias e projetos que deveriam ser discutidos. O linguista questiona, então, se não estaríamos observando a deriva do discurso político, fundamental para a condução do regime democrático. É evidente que a fala pública não é organizada somente segundo o *logos* e desprovida de estratégias passionais. Razão e afeto se misturam, sendo necessário observar se o *ethos*, o *logos* ou o *pathos* se mostra dominante, qual oculta os demais ou se evidencia de acordo com as circunstâncias. É preciso observar, ainda, em quais momentos o ator político procura persuadir o público com viés patêmico e em quais outros utiliza o campo da razão (CHARAUDEAU, 2006).

O papel dos imaginários sociodiscursivos no processo de persuasão do discurso

Outro ponto que se mostra relevante na pesquisa se refere aos imaginários mobilizados por meio do *corpus*. Após uma visita ao conceito de *representação social*, cunhado em diferentes campos de estudo como a Psicologia Social e as Ciências Sociais para explicar a significação que diferentes indivíduos e grupos dão ao real, Charaudeau

(2006) propõe o que chama de imaginários sociodiscursivos. Em relação às representações sociais, podemos compreendê-las, de forma geral, como formadas por uma mistura de julgamentos e opiniões, sendo consideradas um conjunto de explicações, crenças e ideias que nos permitem evocar acontecimentos, pessoas ou objetos. As representações são resultantes da interação social entre indivíduos e do modo como eles percebem a realidade (MOSCOVICI, 2003).

De forma semelhante às representações sociais, os imaginários sociodiscursivos podem ser compreendidos como formas de se identificar e significar o real por meio de enunciados linguageiros semanticamente reagrupáveis. Conforme nos explica Charaudeau (2006), se seguirmos o emprego corrente ou primeira acepção do dicionário para *imaginário social*, relacionaríamos o termo como aquilo que se opõe à realidade ou que é inventado. O conceito, entretanto, foi introduzido pelo filósofo, economista e psicanalista francês Cornelius Castoriadis entre os anos 60 e 70, que o relacionou a um universo de significações que mantém uma sociedade unida.

O linguista francês nos esclarece, ainda, que imaginários sociais podem ser compreendidos como imagens que interpretam a realidade e a fazem adentrar um universo de significações. Isso porque a realidade não poderia ser apreendida como tal, já que sua significação estaria ligada à relação que se mantém com ela através de experiências. A realidade teria, nesse sentido, a necessidade de ser percebida pelo homem para poder significar, sendo justamente essa atividade de percepção significativa a produtora dos imaginários que darão sentido à realidade.

Os imaginários sociodiscursivos integram um conceito proposto pelo autor para integrar a ideia de imaginário ao campo da AD. Para sua materialização e desempenho de seu papel de espelho identitário, os imaginários instáveis, fragmentados e essencializados se apresentam nos comportamentos ou ritos sociais da vida cotidiana ou em atividades coletivas como aglomerações, manifestações e cerimônias. A materialização dos imaginários também é possível através da produção de produtos manufaturados ou tecnologias que conferem àqueles que os adquirem a sensação de possuir e dominar o mundo. Objetos emblemáticos que carregam em si certa simbologia também podem despertar valores identitários. Bandeiras, insígnias e *slogans* têm o poder de despertar determinados valores identitários, como por exemplo a foice e o martelo.

No campo político, diferentes imaginários circulam sobre os comportamentos que os atores devem aderir, variando segundo a situação em que se encontram (campanha

eleitoral, debates, reuniões, discursos televisivos⁶). São imaginários relativos ao *ethos* que o sujeito político deve construir para si de acordo com a expectativa dos eleitores e que são frequentemente instrumentalizados com o objetivo de persuasão. Afinal, a materialização dos imaginários e suas significações deve ser sustentada por uma racionalização discursiva, já que discursos são produzidos por diferentes grupos que conferem sentido e a essas materializações. Nesse contexto, o mais importante é que enunciados sejam apresentados de forma simples para que o público compreenda com facilidade.

Apresentação e análise do *corpus*

Passaremos, agora, para a análise do *corpus*. Para tal, faremos uma divisão do pronunciamento oficial de Jair Bolsonaro em trechos menores com o intuito de facilitar o processo de análise. Serão identificados e grifados, em cada trecho, recursos linguísticos que colaboram para a projeção de *ethé*, mobilização de imaginários sociodiscursivos, emprego da polêmica e de traços patêmicos.

TRECHO [1]:

Amigas e amigos de todo o Brasil, é com humildade e honra que me dirijo a todos vocês como presidente do Brasil. E me coloco diante de toda a nação, neste dia, como o dia em que o povo começou a se libertar do socialismo, da inversão de valores, do gigantismo estatal e do politicamente correto. As eleições deram voz a quem não era ouvido. E a voz das ruas e das urnas foi muito clara. E eu estou aqui para responder e, mais uma vez, me comprometer com esse desejo de mudança. Também estou aqui para renovar nossas esperanças e lembrar que, se trabalharmos juntos, essa mudança será possível.

Análise:

No trecho acima, Jair Bolsonaro utiliza os termos “humildade” e “honra” numa referência a si próprio, evocando tais *ethé* para sua figura. Ao se posicionar “diante de toda a nação” no dia em que o “povo começou a se libertar do socialismo”, o mandatário evoca algo semelhante ao que Charaudeau (2006) chama de *triângulo da dramaturgia política*, assumindo o papel de “salvador” diante da “ameaça socialista”. Ele cita, ainda, outros “inimigos” a serem combatidos, incluindo o que chama de “inversão de valores” e

⁶ Acrescentamos a isso a recente e emergente estratégia de veiculação do discurso político nas redes sociais digitais, incluindo as chamadas transmissões ao vivo.

“politicamente correto”, numa referência a enquadramentos ideológicos à esquerda. Certo “gigantismo estatal” também é citado, talvez numa tentativa de se referir e fazer uma crítica a políticas não liberais ou favoráveis à intervenção e atuação do estado em diferentes frentes. Há, portanto, a inclusão de aspectos polêmicos no trecho, já que um antagonismo a uma estrutura ideológica contrária é citado.

Ao se referir à “voz das ruas e das urnas”, o mandatário evoca algo semelhante ao “imaginário de soberania popular” proposto por Charaudeau (2006), numa espécie de resposta ao povo que estaria clamando por mudanças. Tal imaginário, na visão do linguista, apresenta o povo como responsável pelas decisões que refletirão seu futuro, surgindo por meio dessa ideia o “mito da democracia”. Através do mito podem ser feitas deliberações e confrontos entre diferentes argumentos e pontos de vista, com a prevalência da opinião majoritária. Ainda no trecho acima, Bolsonaro evoca a renovação da “esperança” do povo e o trabalho em conjunto para que a “mudança” seja possível.

TRECHO [2]:

Respeitando os princípios do estado democrático de direito, guiados por nossa Constituição e com Deus no coração, a partir de hoje, vamos colocar em prática o projeto que a maioria do povo brasileiro democraticamente escolheu, vamos promover as transformações de que o país precisa. Temos recursos minerais abundantes, terras férteis abençoadas por Deus e um povo maravilhoso. Temos uma grande nação para reconstruir e isso faremos juntos. Os primeiros passos já foram dados. Graças a vocês, eu fui eleito com a campanha mais barata da história. Graças a vocês, conseguimos montar um governo sem conchavos ou acertos políticos, formamos um time de ministros técnicos e capazes para transformar nosso Brasil. Mas ainda há muitos desafios pela frente.

Análise:

No trecho acima há uma referência ao “estado democrático de direito”, à “constituição” e ao projeto que foi escolhido “democraticamente” pela “maioria do povo brasileiro”. Tais referências parecem colaborar para a formação de uma espécie de ligação entre o governo entrante e um *imaginário de soberania popular* ligado à democracia, ao respeito pela Constituição Federal e aos direitos básicos garantidos por ela. Entretanto, é preciso considerar o imaginário relacionado à ditadura militar comumente evocado pelo mandatário durante sua campanha eleitoral e outros momentos de sua carreira, algo contrário ao que estaria sendo projetado no trecho mencionado. Um exemplo da relação

de Jair Bolsonaro com tal imaginário pôde ser observado na fala⁷ que proferiu em abril de 2016, durante a votação na Câmara dos Deputados que determinou o prosseguimento do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Durante seu voto, o então deputado exaltou o coronel que teria sido responsável pela tortura da ex mandatária e às Forças Armadas, numa fala com intenso viés patêmico e polêmico. Outro episódio semelhante⁸ ocorreu quando o presidente questionou a veracidade dos ferimentos causados pela tortura sofrida por Dilma Rousseff durante a ditadura militar, citando o que chamou de “vitimismo” das vítimas do regime.

Ao explicar que seu governo seguirá “com Deus no coração” promovendo as transformações que o país precisa, o mandatário projeta imagens de “retidão” e “fé” relacionadas àqueles que seguem a dogmas religiosos ou ligados à figura divina. As terras brasileiras são apresentadas como férteis e “abençoadas por Deus”, contribuindo para a construção da ideia de que o país estaria com os caminhos abertos para o progresso e a prosperidade.

O mandatário também afirma ter conseguido “montar um governo sem conchavos ou acertos políticos”, projetando um *ethos* de político sério e distante de relações corrompidas. Por fim, Bolsonaro menciona um “time de ministros técnicos e capazes” de transformar o Brasil, contribuindo para a projeção de um *ethos* de governo competente e de figura política cercada de profissionais capacitados.

TRECHO [3]:

Não podemos deixar que ideologias nefastas venham a dividir os brasileiros. Ideologias que destroem nossos valores e tradições, destroem nossas famílias, alicerce da nossa sociedade. E convido a todos para iniciarmos um movimento nesse sentido. Podemos, eu, você e as nossas famílias, todos juntos, restabelecer padrões éticos e morais que transformarão nosso Brasil. A corrupção, os privilégios e as vantagens precisam acabar. Os favores politizados, partidarizados devem ficar no passado, para que o Governo e a economia sirvam de verdade a toda Nação. Tudo o que propusemos e tudo o que faremos

⁷ https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb

⁸ <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/12/29/autoridades-repudiam-fala-de-bolsonaro-que-poe-em-duvida-tortura-de-dilma-na-ditadura.ghtml>

a partir de agora tem um propósito comum e inegociável: os interesses dos brasileiros em primeiro lugar. O brasileiro pode e deve sonhar. Sonhar com uma vida melhor, com melhores condições para usufruir do fruto do seu trabalho pela meritocracia. E ao governo cabe ser honesto e eficiente. Apoiando e pavimentando o caminho que nos levará a um futuro melhor, ao invés de criar pedágios e barreiras. Com este propósito iniciamos nossa caminhada. E com este espírito e determinação que toda equipe de governo assume no dia de hoje.

Análise:

O trecho faz uma referência a “ideologias nefastas” que estariam dividindo o povo e destruindo “valores”, “tradições”, “famílias” e os “alicerces” da sociedade. Em um claro tom polêmico, o presidente se refere a enquadramentos ideológicos contrários ao seu e comumente relacionados à esquerda como a *fonte do mal* que precisa ser combatida por estar destruindo valores ligados à “tradição” e à “família”. Há uma aproximação ao que Charaudeau (2006) aponta como *imaginário da tradição*, normalmente visitado quando se deseja defender valores passados e tranquilizar a população diante de uma possível ameaça, impedindo efeitos negativos que progressistas cegos representariam. Nesse caso, um retorno às fontes ou recuperação das origens identitárias é defendido. O trecho também faz referência à necessidade de se “restabelecer padrões éticos e morais”, reforçando certo retorno a valores perdidos. Ao apresentar o *mal* que precisa combatido, o mandatário acaba projetando para si um *ethos* de “retidão” e “tradicionalismo”, marcando seu posicionamento ideológico à direita.

O trecho também faz referência à “corrupção”, “privilégios” e “vantagens” que precisam ser combatidos, assim como “favores politizados” e “partidarizados” que deveriam ficar no passado. O presidente, ao fazer tais afirmações, relaciona sua figura e a de seu governo a um imaginário de “combate à corrupção” e a um *ethos* de “retidão de caráter”, uma “nova política” distante do que se via até então. Novamente, certo viés polêmico pode ser observado no trecho, já que Bolsonaro parece se posicionar como antagonista de gestões passadas que estariam associadas à corrupção e favores políticos.

A “meritocracia” também é citada como meio para o brasileiro usufruir do fruto do seu trabalho, aproximando sua imagem a uma postura ideologicamente liberal e à direita. Se seguirmos o emprego corrente ou a acepção do dicionário para a o termo “meritocracia”, perceberemos que ele se relaciona à defesa daqueles que possuem mais

méritos em seus resultados, independentemente de sua origem social, classe, etnia ou outros fatores que possam ter gerado dificuldades ao longo da vida. Como consequência de sua referência à meritocracia, o presidente se aproxima de um posicionamento contrário a políticas e movimentos de defesa de minorias e de reconhecimento de seus desafios perante grupos considerados privilegiados. O trecho também menciona o “sonhar” com uma “vida melhor”, trazendo a ideia de um futuro promissor e caminho a ser percorrido em busca de melhores condições. Ao governo caberia ser “honesto” e “eficiente”, sem colocar obstáculos para aqueles que merecem colher os próprios frutos.

TRECHO [4]:

Temos o grande desafio de enfrentar os efeitos da crise econômica, do desemprego recorde, da ideologização de nossas crianças, do desvirtuamento dos direitos humanos, e da desconstrução da família. Vamos propor e implementar as reformas necessárias. Vamos ampliar infraestruturas, desburocratizar, simplificar, tirar a desconfiança e o peso do Governo sobre quem trabalha e quem produz. Também é urgente acabar com a ideologia que defende bandidos e criminaliza policiais, que levou o Brasil a viver o aumento dos índices de violência e do poder do crime organizado, que tira vidas de inocentes, destrói famílias e leva a insegurança a todos os lugares. Nossa preocupação será com a segurança das pessoas de bem e a garantia do direito de propriedade e da legítima defesa, e o nosso compromisso é valorizar e dar respaldo ao trabalho de todas as forças de segurança. Pela primeira vez, o Brasil irá priorizar a educação básica, que é a que realmente transforma o presente e o futuro de nossos filhos e netos, diminuindo a desigualdade social. Temos que nos espelhar em nações que são exemplos para o mundo e que por meio da educação encontraram o caminho da prosperidade.

Análise:

O trecho traz um intenso tom polêmico e patêmico, começando pela citação de questões como “ideologização” das crianças, “desvirtuamento dos direitos humanos” e “desconstrução da família”. Ao abordar o que chama de “ideologização de nossas crianças” o mandatário parece se referir a um imaginário ideológico recorrente durante a eleição presidencial que o elegeu. Tal imaginário relacionava a suposta aplicação nas escolas públicas brasileiras⁹ da teoria pedagógica do educador Paulo Freire, considerada

⁹ <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/10/na-mira-de-bolsonaro-paulo-freire-nao-esta-no-curriculo-mas-e-referencia-em-escolas.shtml>

por alguns representantes da direita como um tipo de ensinamento “marxista” que precisava ser “combatido”. Outro imaginário recorrente no período eleitoral e que pode ser relacionado ao trecho do pronunciamento se refere à existência de uma suposta distribuição de livros nas escolas que fariam parte do chamado “kit gay”¹⁰. Tal imaginário relacionava o PT¹¹ e seus apoiadores a aspectos negativos e fantasiosos no campo da educação e da sexualidade.

O chamado “desvirtuamento dos direitos humanos” parece estar relacionado ao que é citado mais à frente, ligado à necessidade urgente de “acabar com a ideologia que defende bandidos e criminaliza policiais”. Ao que parece, há a defesa de um posicionamento violento contra a “bandidagem” e favorável à defesa dos “cidadãos de bem”, mesmo que para isso seja necessário o uso da força e a dispensa de direitos inerentes à pessoa humana. Um *ethos* de potência que emana certo grau de agressividade ou “firmeza” contra o “crime organizado que tira vidas inocentes” é evocado no trecho, assim como um imaginário de combate ao crime por meio de ações violentas consideradas “assertivas” por enquadramentos ideológicos à direita. Ao citar a “garantia do direito de propriedade” e da “legítima defesa” o mandatário reforça o imaginário mencionado, assim como o “respaldo ao trabalho de todas as forças de segurança”. A citação à “legítima defesa” também pode ser relacionada à defesa do armamento da população como estratégia de combate ao crime, argumento defendido pelo presidente em outras ocasiões.

O enfrentamento à “desconstrução da família” parece se relacionar ao “mal” representado por posicionamentos e ideologias à esquerda favoráveis à formação de novos e diferentes modelos familiares, algo que precisaria ser “combatido” para o restabelecimento de valores tradicionalistas anteriormente mencionados. O trecho também faz referência à educação como meio para diminuição da desigualdade social, contribuindo para a projeção de imagens positivas e de esperança para o futuro. Já a “desburocratização” e a retirada do “peso do Governo sobre quem trabalha e quem

¹⁰ Em outubro de 2018, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) chegou a determinar que vídeos em que Bolsonaro criticava a suposta distribuição de livros que fariam parte do chamado “kit gay” fossem retirados do *YouTube* e *Facebook*: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/16/tse-manda-remover-da-internet-videos-de-bolsonaro-contr-o-kit-gay.ghtml>

¹¹ Em entrevista ao *Jornal Nacional* (JN) durante campanha eleitoral, Bolsonaro apresentou a obra “Aparelho Sexual e Cia” como parte do material do projeto “Escola Sem Homofobia”, vinculado ao Ministério da Educação durante o mandato de Dilma Rousseff. As informações não eram verdadeiras: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html

produz” reforçam certa aproximação a modelos econômicos liberais e favoráveis à menor intervenção do estado.

De forma geral, observamos que o trecho acima traz um intenso antagonismo e refutação a um posicionamento ideológico contrário ao do mandatário. Há, portanto, intenso viés polêmico e patêmico por meio do distanciamento e refutação de ideias e argumentos relacionados a um campo ideológico à esquerda. Assim como em outras passagens, o trecho apresenta o “mal” que precisa ser combatido, se aproximando do *triângulo da dramaturgia política* proposto por Charaudeau (2006). Passaremos, agora, para o último trecho do pronunciamento.

TRECHO [5]:

Vamos retirar o viés ideológico de nossas relações internacionais. Vamos em busca de um novo tempo para o Brasil e os brasileiros! Por muito tempo, o país foi governado atendendo a interesses partidários que não o dos brasileiros. Vamos restabelecer a ordem neste país. Sabemos do tamanho da nossa responsabilidade e dos desafios que vamos enfrentar. Mas sabemos aonde queremos chegar e do potencial que o nosso Brasil tem. Por isso vamos dia e noite perseguir o objetivo de tornar o nosso país um lugar próspero e seguro para os nossos cidadãos e uma das maiores nações do planeta. Podem contar com toda a minha dedicação para construir o Brasil dos nossos sonhos. Agradeço a Deus por estar vivo e a vocês que oraram por mim e por minha saúde nos momentos mais difíceis. Peço ao bom Deus que nos dê sabedoria para conduzir a nação.

Que Deus abençoe esta grande nação.

Brasil acima de tudo, Deus acima de todos.

Análise:

De modo semelhante aos trechos anteriormente analisados, há uma clara referência a um “viés ideológico” que precisa ser combatido até mesmo nas relações internacionais estabelecidas pelo país. Uma crítica direta é feita a “governos anteriores” que atendiam a “interesses partidários” e não aos brasileiros, reforçando certo distanciamento entre o mandatário e gestões anteriores.

O trecho cita a necessidade de se estabelecer a “ordem” para que um “novo tempo” seja construído, um “país próspero e seguro”. Algo possível por meio da “dedicação” e do trabalho intenso do mandatário para que se chegue ao “Brasil dos nossos sonhos”. Ele

se aproxima, portanto, de um *ethos* de “salvador” ou de político com “dedicação” suficiente para transformar o cenário maléfico apresentado por ele.

Novamente a figura divina é citada, primeiramente numa referência ao atentado que sofreu durante ato de campanha em Juiz de Fora em setembro de 2018. Em seguida, Deus é citado numa espécie de prece por sabedoria e em um pedido de bênção à nação, aproximando novamente sua imagem à de um “homem de fé”. Por fim, a frase “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” projeta um imaginário de “patriotismo” e “amor à pátria”, uma figura que coloca a própria nação acima de todo e qualquer ato. “Deus acima de todos” parece ajudar na projeção de uma imagem de homem que coloca uma figura divina carregada de poder e dogmas acima de qualquer tipo de discussão ou posicionamento ideológico diferente do seu. Não há espaço para argumentação, afinal, Deus e a pátria estariam acima de qualquer opinião contrária e ao lado do “homem de fé” que se coloca como novo chefe da nação.

Considerações finais

Por meio da análise apresentada foi possível identificar alguns dos possíveis *ethé* e imaginários projetados e estratégias discursivas mobilizadas através do *corpus*. Sendo considerado o primeiro pronunciamento oficial como Presidente da República, o *corpus* dá o tom do governo e das linhas ideológicas que serão seguidas, se tornando, portanto, importante campo de análise e pesquisa. Conforme observamos, foi possível a identificação de trechos com viés polêmico e patêmico, num afastamento e refutação a campos ideológicos contrários ao de Bolsonaro.

A presença de elementos do chamado *triângulo da dramaturgia política* também foi identificada, especialmente em referências ao “mal” que precisava ser combatido para que o país prosperasse e obtivesse o restabelecimento da “ordem” e início de um “novo tempo”. *Ethé* de “potência”, “retidão” e “tradição” são alguns dos observados ao longo da análise, além da mobilização de imaginários de “amor à pátria”, “defesa de valores tradicionais”, de “combate à corrupção e à conchaves políticos”. De forma geral, foi possível observar que boa parte das imagens e imaginários foram mobilizados através do emprego de intenso tom patêmico em detrimento da presença do *logos*, numa espécie de “resposta” ou embate a valores ideológicos e morais contrários, compreendidos como “ameaças” ao bem-estar da nação.

É preciso considerar, entretanto, o caráter limitado da pesquisa que não tem como proposta esgotar todas as possibilidades possíveis de análise e consequente determinação de estratégias discursivas adotados no *corpus*. Outro fator que se deve levar em consideração é o que Charaudeau (2006) chama de “fragilidade” das imagens projetadas por atores políticos. Imagens antes adoradas podem, no dia seguinte, serem rejeitadas pelo povo, sendo necessária cautela na construção do *ethos* do ator político. Gafes ou declarações desastrosas podem soar como marcas de sinceridade, simplicidade ou honestidade. Já figuras que projetam imagens de virilidade sexual ou de chefe podem acabar produzindo efeitos negativos como arrogância, frivolidade, autoritarismo ou até hipocrisia.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. (Org.). *Apologie de la polémique [Apology of the polemic]*. Paris: Presses Universitaires de France, 2014. Coleção “L’interrogation philosophique” [Serie “The philosophical interrogation”]. 240 p.

_____. **Imagens de Si no Discurso: a construção do *ethos***. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. *La coexistence dans le dissensus*. Semen [Online], v. 31, p. 25-42, 2011. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/semen/9051>>. Acessado em: janeiro 2020.

BRANDÃO, H. H. N. **Discurso e Polêmica num Debate Político**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, v. 37, 1994.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. 2.ed. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

COURTINE, J-J. **Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública**. São Carlos: Claraluz. 160 p. 2006.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003

PIOVEZANI FILHO, C. 2009. **Verbo, corpo e voz: dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009. v. 500. 367 p.